

Desapreço incompreensível

CORREIO BRAZILIENSE

08 MAR 1993

Expedicto Quintas

Ainda está para acontecer neste País. Desde o Brasil Colônia, passando pelo Vice-Reinado, pelo Império, pela Velha República e agora sua nova versão, a grande vocação da economia nacional representada pela vocação de um país essencialmente agrícola, a Nação está à espera de um governo que identifique nas suas preocupações maiores a produção rural. Em que pese o desamparo com que o campo foi eternamente preterido nas prioridades, a agricultura sempre encontrou os espaços próprios e os meios de superação das dificuldades que nunca lhe faltaram. Nos ciclos da cana-de-açúcar, do café, do cacau, da borracha e outros de menor expressão, a terra jamais deixou de responder positivamente nos momentos mais difíceis, abastecendo o mercado interno e gerando excedentes exportáveis, representando moeda forte para dar lastro às transações internacionais. Mais que isso, veio do seu desempenho e das riquezas acumuladas a poupança necessária para consolidar o nosso parque industrial. Modernamente, a soja, com alternâncias com o café, tem enriquecido a nossa pauta de exportação, sem contudo, haver recebido das hierarquias do Poder aquele tratamento que em outras nações assegura ao setor primário um suporte financeiro persistente e estável.

Aqui no Brasil os fados são outros. Já vivemos um período de fartura, decorrência imediata de uma política de crédito rural fundada na abundância de recursos e apoiada corretamente por subsídios, com o Banco do Brasil ganhando o reconhecimento unânime de maior banco de fomento à lavoura e à pecuária, com projeções mundiais que o destacavam internacionalmente. A peste inflacionária, após um cerco implacável, desmornou o crédito rural, inscrevendo-o em posições de igualdade com os demais segmentos da economia, pagando juros correntes e correção monetária, sem ao menos levar-se em consideração as altas taxas de risco do setor, onde o clima e as intempéries atuam como fatores de sucesso ou de derrota.

Nos últimos cinco anos, nada menos do que cinco planos heterodoxos subverteram, por completo, o setor agropecuário. Aberrações de toda ordem se abateram sobre uma contabilidade de custos, reduzindo, implacavelmente, as faixas de êxito da agricultura. Tabelamentos, congelamentos, retração de crédito, políticas de preços mínimos irrealistas, seguro agrícola mal administrado e uma escalada no custeio agrícola, superando toda e qualquer planilha, desestruturaram, por completo, tão importante segmento da economia, abrindo espaços para um dilúvio de inadimplências, em cuja voragem agropecuaristas tra-

dicionais já foram tragados e estão sendo levados à penhora e à falência, sem outras opções fora da ruína.

Os contratos de financiamento exigem para garanti-los a penhora de bens móveis e imóveis e de cem por cento da produção. Os insumos e as máquinas agrícolas galgaram as nuvens, com os créditos para adquiri-los desapoitados de quaisquer facilidades. Paga-se por um trator ou uma colheitadeira os mesmos juros e a mesma correção monetária requerida para a compra de um automóvel. Os cronogramas dos créditos de custeio não são cumpridos, atrasando as transferências que a natureza e o ciclo da germinação não reconhecem. E, mesmo fora de hora, tem-se a garantia de um penhor de cem por cento da colheita. Premido por dificuldades, o agricultor não vê outra alternativa senão vender, às vezes, ainda em floração, safras inteiras, por preços fora de mercado. E o atravessador e a indústria que nada investiram têm disponível, a preços de ocasião, o produto suado, conquistado à custa de ingentes sacrifícios.

Hoje, mais que nunca, a paisagem é de angústias e de extrema inquietação, com os pequenos e médios empresários rurais submetidos a uma caça implacável de meirinhos para as notificações de arresto e de liquidação de um setor que ainda aguarda quem defira à agropecuária a prioridade a que faz jus.